



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

NAYRA HEVILY DE OLIVEIRA SILVA

**DA BASE AO CAMINHO DA ASCENSÃO: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES
NEGRAS DO CURSO DE HUMANIDADES DA UNILAB-CEARÁ**

**ACARAPE - CE
2024**

NAYRA HEVILY DE OLIVEIRA SILVA

**DA BASE AO CAMINHO DA ASCENSÃO: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES
NEGRAS DO CURSO DE HUMANIDADES DA UNILAB-CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacqueline da Silva Costa.

**ACARAPE – CE
2024**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Nayra Hevily de Oliveira.

S578d

Da base ao caminho da ascensão: trajetórias de estudantes negras do curso de Humanidades da Unilab-Ceará / Nayra Hevily de Oliveira Silva. - Redenção, 2024.
52f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof^a. D^a. Jacqueline da Silva Costa.

1. Negras - Estudantes. 2. Escrevivências. 3. Interseccionalidade. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.8

NAYRA HEVILY DE OLIVEIRA SILVA

**DA BASE AO CAMINHO DAS ASCENSÃO: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES
NEGRAS DO CURSO DE HUMANIDADES DA UNILAB-CEARÁ.**

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela Interdisciplinar em Humanidades em na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Data de Aprovação

28/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jaqueline Costa (Orientadora-UNILAB-Ce)

Profa. Me. Tamara Vieira da Silva (UNILAB-Ce)

Profa. Dra. Marcelle D. Carvalho Braga (UVA-Ce)

Profa. Me. Joseli Cordeiro do Nascimento (UFC-Ce)

ACARAPE-CE

2024

Dedico este trabalho a minha mãe que sempre me apoiou, a minha avó Antônia que abençoou meus caminhos, a minha tia Alcélia que desde criança, me incentivou a estudar e acreditava em mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento, antes de tudo, quero agradecer à minha mãe, Dona Aurea e ao meu pai Sr. Francisco, por terem sido uma grande rede de apoio na minha trajetória, nos momentos mais difíceis dessa formação, eles foram as primeiras pessoas a me dar colo. Por um bom tempo eu venho dizendo à minha mãe que eu seria uma grande mulher, igual ela, e cá estou eu, a caminho. É pela senhora que eu estou aqui, sempre foi por você. Te amo.

Quero agradecer aos meus amigos e amigas que estiveram comigo nessa caminhada, Mansão 015 e Apê 420, vocês são muito especiais e ocupam um espaço no meu coração.

Agradeço às minhas professoras pretas que eu tive aula até aqui, particularmente a Profa. Jacqueline Costa e suas recomendações de leitura, a partir das intelectuais, pude me sentir pertencente, me reconhecer e me fortalecer como mulher negra, sempre me incentivando a estudar, a ler, a escrever e principalmente, a erguer a minha voz.

Agradeço às minhas amigas e amigos pretinhos e pretinhas, pelos afetos, trocas e acolhidas.

E por fim, agradeço a banca examinadora por terem aceitado o convite, Profa. Tamara Vieira, Profa. Marcelle Carvalho e Profa. Joseli Cordeiro, mulheres pretas que admiro e que tenho também como referências.

EPÍGRAFE

*“Minha ascensão
é de quem cria [..]
Tudo da certo pra mim
até quando não foi como eu quis”.*
(Tasha & Tracie)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), teve como objetivo, compreender as trajetórias de estudantes negras do curso de humanidades da Unilab-Ce, analisando a partir das falas das interlocutoras, a quem essa ascensão social pertence e se existe obstáculos para essa ascensão a partir do entendimento de suas trajetórias de vida. A pesquisa foi realizada com quatro estudantes do curso de humanidades da Unilab-Ce, os diálogos foram feitos em lugares diferentes; na Unilab e na casa das meninas, separadamente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual utilizei perguntas abertas e semiestruturadas para conduzir o diálogo, com a ajuda do gravador do celular e de um caderno, obtive e fiz anotações das falas das interlocutoras, na qual permitiram a utilização das vozes e dos nomes nesta pesquisa. Como referencial teórico de análise, utilizei o conceito de interseccionalidade para entender os lugares e contextos que as interlocutoras estão localizadas e na construção do texto, escrevivência visto que, é o ato de escrever sobre as vivências, e por fim, trajetória de vida. A pesquisa mostrou como o racismo perpassa a vida dessas estudantes e de mulheres negras em geral e como pode produzir imagens de controle que acabam por agir de forma negativa nessas trajetórias. É importante mencionar também, a magnitude das redes de apoio e afeto no enfrentamento dessas violências, desse modo, é significativo buscar na base, nos espaços na qual as interlocutoras transitam, assim como muitas outras mulheres negras no caminho da ascensão. Desse modo, pude constatar que, para essa ascensão se evidenciar na vida dessas estudantes, é necessária uma base, que seria as suas redes de apoio e afeto.

Palavras-chaves: Trajetórias de vida - Unilab - Estudantes Negras - Escrevivências - Interseccionalidade.

ABSTRACT

This Final Thesis (TCC) aimed to understand the trajectories of Black students in the humanities course at Unilab-Ce, analyzing through the voices of the interlocutors to whom this social ascent belongs and whether there are obstacles to this ascent based on the understanding of their life trajectories. In this way, I was able to verify that, for this ascent to become evident in these students' lives, a foundation is necessary, which would be their support and affection networks. The research was conducted with four students from the humanities course at Unilab-Ce. The dialogues took place in different locations: at Unilab and at the girls' houses, separately. This is qualitative research, where I used open and semi-structured questions to guide the dialogue. With the help of the cellphone recorder and a notebook, I recorded and made notes of the interlocutors' speeches, who allowed the use of their voices and names in this research. As a theoretical framework for analysis, I used intersectionality to understand the places and contexts in which the interlocutors are located, and in the construction of the text, *escrevivência*, since it refers to the act of writing about lived experiences, and finally, life trajectory. The research shows how racism permeates the lives of these students and Black women in general, and how it can produce control images that end up negatively affecting these trajectories. It is also important to mention the significance of support and affection networks in facing these violences. Thus, it is crucial to seek these foundations in the spaces where the interlocutors navigate, just as many other Black women do on their path of ascension.

Keywords: Life trajectories - Unilab - Black Students - *Escrevivências* - Intersectionality.

LISTA DE SIGLAS

CE - Ceará.

IFCE - Instituto Federal do Ceará.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

MPIF - Mulher Preta Independente de Favela.

SISURE - Sistema de Seleção Utilizando os Resultados do Enem.

UFC - Universidade Federal do Ceará.

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

PROLOGO	04
APRESENTAÇÃO	08
INTRODUÇÃO	11
1. PRESENÇA NEGRA NA UNIVERSIDADE: UMA TRAMA RACIAL E SOCIAL E A SER INVESTIGADA	18
2. A PRESENÇA NEGRA NA UNIVERSIDADE	23
2.1 <i>Trajetórias de mulheres negras na Unilab/CE</i>	23
2.2 <i>Redes de afetos e afroafeto: estratégias de permanência na universidade</i>	24
3. TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES NEGRAS NA UNILAB: CAMINHOS DE DESAFIOS, SUCESSO E AFETOS	26
3.1 <i>As colaboradoras</i>	26
3.2 <i>Erguendo a voz</i>	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5. APÊNDICE	37
6. ANEXOS	38
7. REFERÊNCIAS	42

PRÓLOGO

Tocar me deixa feliz. Pequenas e simples coisas do dia-a-dia são motivos que me motivam a querer sorrir e me fazem transbordar. Estar e ficar na presença dos meus amigos e amigas de casa é um exemplo, ou o simples fato de poder ficar sozinha tomando um café. Ir ao encontro de familiares aos domingos é um momento de muita alegria para mim, pois sinto que estamos todos partilhando experiências e histórias de vida, proporcionando felicidade a cada um. Em contrapartida, acho importante mencionar, que necessito ficar sozinha, ficar sozinha com meus pensamentos e sensações poder me sentir, me perceber, assim como, também posso perceber as coisas ao meu redor. Escrever escutando música clássica é algo que me deixa feliz e me inspira, acredito que a música em si, a arte e a teatralidade são coisas presentes na minha vida, no qual me mantém acesa, viva, me despertando o querer viver e criar. Por conseguinte, para além de qualquer objetivo profissional, eu quero ser feliz, fazendo as coisas que me fazem bem. Sempre em busca de lugares e pessoas que possam colaborar e somar a este objetivo. Mas isso também se soma ao desejo de querer me formar e ao longo dessa caminhada, plantar e colher frutos bons, visando estar em lugares acadêmicos que não sejam adoecedores. Eu gostaria de poder ensinar e compartilhar vivências, falar para meus alunos e alunas histórias que já foram contadas e poder recontá-las com outra perspectiva, assim como os meus e minhas professoras me contam. Gostaria de poder fazer alguém aprender da melhor maneira possível, colaborando na formação destas pessoas.

Ademais, a minha chegada na universidade é atravessada por algumas barreiras e complicações. Logo após a saída do ensino médio, me inscrevi no processo seletivo para entrar na Unilab, no curso de humanidades, mas não consegui entrar. Então no primeiro semestre do ano, fiquei em completo estado de ansiedade por me cobrar muito por algo que não estava sob meu controle, me corroeu um pouco. Até que no segundo período do ano, pelo processo seletivo do Sisu, me inscrevi para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) de Baturité e consigo a aprovação para o curso de hotelaria e turismo, lembro-me como se fosse hoje, a sensação que senti quando meu nome foi chamado, foi como se eu estivesse sendo acolhida, aquele lugar me queria e me senti feliz. Recordo que na época, eu dava aula de reforço em uma escola, para crianças do 5º ano então, tive que sair do emprego para poder me concentrar na universidade, me mudei para a cidade, e construí uma nova rotina completamente diferente da que eu tinha antes, mesmo não sendo o curso que eu queria de fato, era uma experiência que vinha a ser importante na minha vida. No IFCE, aprendi sobre a importância da amizade dentro do espaço acadêmico, aprendi também que a universidade por diversas vezes

pode ser estressante, mas que tudo precisa ser levado com calma e leveza. No mesmo ano (2019) fiz novamente o Enem, e o IFCE foi um dos principais motivos pela qual consegui me sair tão bem na redação e nas outras áreas de conhecimento; logo após sair o resultado, me inscrevi no Sistema de Seleção Utilizando os Resultados do Enem (SISURE) 2020.1, para o curso que tanto queria e alcançando o objetivo que buscava, entrando na Unilab na primeira convocação, foi uma sensação de alegria que tomou conta de mim, corri até onde minha mãe trabalhava e a abracei enquanto transbordava em lágrimas, choramos juntas. Abracei meu pai, ele ficou muito contente e comuniquei aos meus amigos e amigas mais próximos, foi uma felicidade só.

Depois de seis meses no IFCE, cancelei a matrícula e fui direto para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Lembro que ao sair do IFCE, chorei muito na sala de uma professora que tinha e ainda tenho forte admiração, recordo o que ela me disse: "O IF sempre vai recebê-la, você tem muito potencial, vá e faça o que te faz feliz". Foi muito estranho naquele momento perceber que tinha alguém que acreditava no meu potencial, nunca tinham dito isso para mim tão nitidamente, olhando nos meus olhos, eu era feliz no IFCE, mas eu fui atrás de um objetivo e não olhei mais para trás. A vista disso, ao entrar na universidade que queria, recebi meu primeiro choque. bell hooks entra na minha vida logo no início do primeiro semestre na Unilab, na componente de Literatura e Feminismos Contra Hegemônicos ministrada pela Profa. Jacqueline Costa. Acho que bell hooks me atravessou tão fortemente porque além de ter sido a primeira intelectual negra que li, muitos dos seus escritos falam de situações que já aconteceram comigo, mas que nunca havia percebido ou me escancarado determinados contextos. Foi com ela que entendi o que é ser uma mulher de cor, foi quando me percebi como uma mulher racializada, buscando compreender o mundo a partir dos meus marcadores sociais e isso eu nunca tinha refletido.

Bell hooks entra na minha vida trazendo perspectivas engrandecedoras, me causando impactos me fazendo pensar sobre minhas características; o primeiro impacto que bell me proporcionou foi o querer me enxergar esteticamente da forma que me sentisse confortável, e então foi nessa época que comecei a transição do meu cabelo liso para o cacheado. Foi bem difícil me ver de outra forma, a autoestima não era a mesma, mas quando eu lia bell para debater em sala, sentia que naquele momento, eu estava sendo acolhida, escutada e vista, vista não de uma forma estranha, pois estava entre mulheres semelhantes a mim e que entendiam aquele processo. bell ajudou na minha autoestima, intelectualidade e no amor. Lembro-me que quando li "vivendo de amor" comecei a pensar sobre minhas relações afetivas, me via muitas vezes em ambientes e afetos embranquecidos que me adoeciam, então busquei me fortalecer em espaços que tinham os meus e minhas, a construir e cultivar afetos que pudessem juntos, nos fortalecer.

Comecei a pensar os afetos com minha família, principalmente minha mãe, uma mulher preta. Foi quando me aproximei mais dela para escutá-la e entender as suas histórias e o porquê de algumas frustrações, raiva, e tristeza, foi onde tudo que estava lendo em bell fez sentido, percebi que ela não teve o afeto que uma criança precisava ter, minha mãe teve a infância difícil, teve que começar a trabalhar muito nova e ajudar a sustentar a casa junto com os pais, não era fácil, e por isso alguns trejeitos dela comigo, me remetia a algo que ela viveu. A partir de bell, conseguimos mudar algumas dinâmicas de convivência, ela começou a me entender e eu a entender ela.

Além de tudo que já foi exposto, olhando para minha trajetória acadêmica e pessoal, poucas vezes parei para refletir sobre quem eu sou, escrever sobre a minha história é difícil pelo menos para mim, parar para pensar sobre si me deixa ansiosa, porque afinal, quem somos nós para além do que já sabemos? e o que já sabemos sobre nós? então começo a dizer; sou Nayra Hevily de Oliveira Silva, filha de Antônia Aurea e Francisco Raimundo, sou uma mulher cis, bissexual, preta, de cabelo cacheado, tenho 24 anos e sou escorpiana (vou pôr o signo pois acho importante). Gosto do frio (mas sou calorenta), da chuva, de cachoeiras, de cantar, dançar, de comer, dormir, tocar, conversar, de me sentir livre. Gosto de estudar sobre coisas que me sinto atravessada, que me tocam e me fazem pensar e repensar a partir de experiências práticas, vividas, a teoria é interessante, mas parar para analisar e perceber ela em ações do cotidiano, se torna instigante a se pensar.

A minha infância foi repleta de amor, apesar da minha mãe ter que sempre trabalhar. Até os meus cinco anos quem cuidou de mim foi minha avó e minha tia, isso fez com que eu por um momento naquela idade, não reconhecesse minha mãe como mãe, acabava por chamar minha tia de mãe por passar mais tempo com ela, então minha mãe ao perceber, arrumou estratégias para passar mais tempo comigo e deu certo. Meu pai sempre se fez presente e tudo por mim, apesar de beber muito nunca deixou faltar nada em casa, era comprometido, depois de grande é que a relação se tornou conturbada por eu não aceitar ser colocado em um lugar de silenciamento das minhas posições quando percebia que ele estava sendo injusto ou errado, isso fez a nossa dinâmica de convivência mudar, ficar tensa, mas foi importante para que ambos melhorassem, principalmente o fazer refletir sobre certas questões e atitudes.

Em relação à escola, esta foi importante. Foi onde aprendi a ler, a escrever, me dedicava nos estudos pois sabia que iria trazer felicidade aos meus pais, queria que sentissem orgulho de mim, lembro que sempre que aprendia algo novo falava para eles e era uma felicidade só. Foi lá onde fiz minhas primeiras amizades e que tenho ainda hoje, apesar de também ter sido um lugar que me traumatizou em relação a meu fenótipo, mas percebo que foi

um lugar que hoje, analisando, me amadureceu para perceber o racismo dentro da sala de aula e entender alguns lugares sociais. Foi lá também que participei dos primeiros projetos artísticos, onde pude aprender a desenhar, pintar, escrever a confeccionar objetos artesanais, a dançar, a deixar a timidez um pouco de lado, e principalmente, deixar a criatividade fluir, foi um impulsionador para que hoje a arte esteja tão presente na minha vida, principalmente a música.

O ensino médio foi difícil, tentava me encaixar com os meus outros colegas, mas sempre me sentia meio deslocada tanto esteticamente quanto em relação às reflexões da vida. O meu processo de aprendizagem também foi bem complicado, tinha dificuldade nas matérias, era aluna mediana e mesmo me esforçando para acompanhar o ritmo dos colegas, acabava me ausentando do meu próprio ritmo, nunca me sentia ouvida e vista naquele ambiente, em determinados momentos me via adoecida, parecia que tudo que eu me propunha a fazer era insuficiente, e só em datas como o dia da Consciência Negra eu era vista e solicitada para algo, me sentia estranha, e nesse momento escrevendo e refletindo, meio que me dói, mas para além disso fiz amizades que cultivo até hoje e que são meus companheiros na universidade.

APRESENTAÇÃO

bell hooks me inspira a falar sobre a minha trajetória. Ao revisitar o texto “Intelectuais Negras”, percebo o quanto tenho medo de me tornar uma intelectual, mas isso em decorrência das situações que vivi na infância, de ser menosprezada por ser uma aluna que estudava, que se destacava nas escritas, sempre me destaquei em redações ou produções textuais no geral, porém, esse lugar causava desconforto em meus colegas, e não só isso, hoje entendendo mais a fundo como funciona os processos estruturais raciais, eu como aluna, causava esse desconforto por que uma estudante negra ascendendo em meio a tantos alunos brancos, era inviável de se imaginar. Lendo os escritos de bell, me toca em lugares muito delicados que ainda não foram percebidos ou visitados depois de adulta, por isso sinto esse frio na barriga ao ler trechos que inconscientemente me atravessam. bell explica que esse medo gerado, ocasiona a nossa própria negação como intelectuais e escritoras e além disso, nos causa insegurança até de acreditar que temos essas capacidades, à vista disso, no livro *Irmãs de Inhame* (1993), bell propõe que o amor tanto como prática individual como coletiva, possa ser utilizado como prática de cura e ferramenta transformadora entre mulheres negras, entretanto, acredito que em sociedade, assusta quando mulheres negras tem a coragem de assumir esses lugares que não nos foram dispostos historicamente, como dizia Tasha e Tracie raps brasileiras, na letra da música Perfil#86: MPIF(2021) “*Eles nos querem como musas, mas nos temem como artistas*”, isto é, eles nos querem como professoras, mas nos temem como intelectuais. Digo isso pensando a partir do que é nos colocado, nesse lugar de cuidado com o outro, muitas vezes nos tirando outras possibilidades, a importância de ser professora é inegável, todavia, socialmente falando, se torna um lugar de seguir padrões e regras, e é importante nós como intelectuais, escrevermos e criticar os métodos hegemônicos da educação, visto que, ascender socialmente está vinculado a quebra desses papéis predestinados e estabelecidos.

Agora me volto ao mesmo questionamento sobre o que seria essa ascensão e para quem seria. Lendo intelectuais negras, onde bell fala sobre suas alunas que ao serem perguntadas sobre intelectuais, citam apenas nomes de homens renomados e vez ou outra o nome de algumas mulheres negras, me faz pensar que, apesar de existir grandes mulheres negras pensadoras, estas não são buscadas ou reconhecidas, assim como a Profa. Dra. Janaína Damasceno (2008) fala em sua tese de doutorado, sobre trajetórias de estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na qual muitas mulheres negras foram pioneiras na universidade, com um currículo grandioso, mas com pouca visibilidade ou reconhecimento por parte dos registros. Janaína (2008) descreve as trajetórias acadêmicas de pessoas negras, homens e mulheres. Esta

fala sobre o acesso às instituições de ensino superior a mulheres negras, que foram marcadas pela falta de possibilidades, sendo permitido somente a alfabetização e o magistério, ambos não garantiam o ingresso na faculdade, a estas que desejassem fazer o ensino superior, era necessário sair do país (Brasil) e ir para outro que permitisse o egresso, como nos Estados Unidos. A autora chama atenção para a falta de obras registrando a história dos negros nas instituições científicas no Brasil e faculdades, essa falta de registros é um apagamento histórico, assim como a autora discorre sobre a falta de obras que mostram a primeira fase da presença de pessoas de cor na universidade.

Dessa forma, a ascensão social funciona de diferentes maneiras no Brasil. Ela tem cor (geralmente não é a minha que é negra, pois me coloco nessa sentença, por ser uma mulher negra e estudante), gênero e classe. Ademais, estudando sobre trajetórias de vida é notória a diferença dos marcadores sociais de quem ascende socialmente com maior vigor em nossa sociedade. Em conversas com a minha orientadora Profa. Jacqueline, chegamos a alguns questionamentos; não é porque o indivíduo é negro ou negra que não vai conseguir ascender, pelo contrário, essa ascensão vai se dar de uma maneira as vezes mais dura, mas ele vai chegar. Entrar em uma universidade sendo preto, é uma porta importante para ascensão se assim o sujeito a identificar como negro e negra, porém, ao adentrar na instituição, ainda continuará ascendendo ou terá obstáculos para tal trajetória?

Lendo a tese de Janaína Damaceno (2008), pude perceber que essas estudantes não se percebiam nesse lugar da busca pela ascensão social dentro da universidade, por não entenderem sobre os contextos raciais que existiam dentro da UNICAMP, visto que não eram temas debatidos, logo, Janaína (2008) discorre sobre a não presença de pessoas negras na universidade. A autora afirma que em meados de 1934, na primeira universidade brasileira, a Universidade de São Paulo (USP), a educação brasileira era muito eugenista, assim como também era no ensino básico e médio. Vale analisar, que, como esses processos eram no Brasil, é importante lembrar sobre o racismo, é um dos motivadores pelo qual muitos negros não conseguiram ingressar na universidade, Janaina (2008) não diz explicitamente que as universidades negavam os seus egressos, todavia, ao analisar os métodos utilizados pelas universidades, nitidamente existia um racismo sutil e ao mesmo tempo escancarado, o não dito, mas sim, o que mexe na estrutura que impossibilitaria tais entradas. Vale ressaltar também que em 1930 (Era Vargas), o quadro de professores negros e negras estava em declínio, devido aos processos de seleção que exigiam testes e treinamentos rigorosos baseados em critérios vagos e difusos como saúde, aparência, exames psicológicos e testes de inteligência que eram utilizados para facilitar a exclusão do/da candidato sem se utilizar a raça como justificativa,

visto que esse estado, é vinculado diretamente ao racismo e preconceito de gênero. Ou seja, fazendo paralelo com bell, todos esses problemas estruturais e institucionais perpassados pelo racismo, afetava e ainda afeta a intelectualidade da mulher negra, sendo atravessadas também pelo sexismo.

INTRODUÇÃO

Me lembro que o pontapé inicial para desenvolver essa pesquisa, veio da inquietação da pesquisadora que aqui escreve, de se entender como uma mulher negra, a partir de uma das coisas que mais entrava em conflito, que era seus cabelos. Lendo e estudando sobre mulheres semelhantes, consegui compreender que, esta ascensão que tanto almejava, era e é questionável. Que ascensão é essa? Quem pode ascender? Mulheres negras vindas de lugares a margem, tem a mesma oportunidade de ascensão que mulheres brancas? A minha trajetória enquanto mulher, filha e estudante se deram e ainda se dá com vários obstáculos, assim como a minha mãe, avó e tias, a inquietação aqui, parte do interesse de entender não só a si, mas também da indignação das trajetórias duras das mulheres negras da minha família e logo, a curiosidade de compreender as trajetórias das estudantes da universidade.

Quando se fala sobre trajetória de vida, estamos falando do que nos caracteriza, primeiro é importante entender o conceito, Lima e Aguiar (2019) no artigo intitulado “O estudo das trajetórias de vida como método de compreensão da formação de identidades profissionais docentes”, descrevem este conceito:

O observador apurar o seu olhar sobre o objeto, lançando-o para além do que pode ser quantificável, operando a partir de sutilezas inerentes aos processos que são individuais, ao mesmo tempo grupais [...] ela se revela como procedimento próprio de estudo das subjetividades inerentes às mudanças operadas nos sujeitos, a partir de suas experiências particulares, que desembocaram na constituição de suas identidades (LIMA. AGUIAR, 2019, p. 70).

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar trajetórias de estudantes negras do curso de Humanidades da Unilab, campus Ceará, estudantes que de alguma forma, foram atravessadas pelo curso, trajetórias estas marcadas antes mesmo do ingresso na universidade, visto que, para mulheres negras esse caminho da ascensão é permeado de percalços e barreiras, chegar nesse lugar social tem sido um desafio para a população preta, sem contar os desafios econômicos que chegam a ser gritantes e um grande empecilho para este caminho da ascensão.

Nós enquanto mulheres negras, historicamente passamos por processos de silenciamento e de limitações devido a intensidade do racismo e discriminação de gênero que nos atravessa de forma incisiva, logo, chegar em lugares de poder é um caminho árduo para uma grande maioria, e mesmo alcançando um lugar de ascensão, ainda se deparamos com questionamentos sobre tal capacidade e intelectualidade. Dentro da academia no âmbito universitário, é recorrente os questionamentos sobre a nossa capacidade intelectual de exercer funções de prestígio, como por exemplo, pesquisadora, escritora, professora universitária, ou

até mesmo os questionamentos enquanto estudante, Silvio Almeida (2019) denomina este fenômeno de racismo institucional, que se trata do poder como elemento central da relação racial dentro das instituições. O que estou querendo dizer, é que em muitas posições sociais ainda somos vistas como menos capazes, sendo importante entender que isto ocorre por culpa do racismo e da memória escravista, na qual mulheres negras eram colocadas em posições de vulnerabilidade e como incapazes de pensar, como “mulas do mundo” (COLLINS, 2019).

Silvio Almeida (2019) explica que os grupos que exercem determinado poder social, exercem o domínio sobre as organizações políticas e econômicas da sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 27). Logo, grupos que detêm este poder, usufruem de seus privilégios e manutenção das organizações institucionais a seu favor para continuar se mantendo no poder. Portanto, tanto adentrar como também permanecer na universidade, se torna um desafio, ao invés de ser uma ascensão.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) de 2019, informam que mulheres são maioria entre os estudantes no ensino superior, com 57% em comparação com homens no total de 48%. Apesar do número ser alto, ao esmiuçar a porcentagem, de acordo com o INEP, 23% são ingressos de mulheres brancas e 22% de mulheres negras. Ademais, é importante também entender que ainda em 2019, 60% de mulheres conseguiram concluir o ensino superior em comparação aos homens, sendo um total de 40%, sendo que do total das mulheres concluintes 27% foram mulheres brancas e 21% foram mulheres negras. Ou seja, apesar das dificuldades enfrentadas no caminho acadêmico, estas ainda conseguiram se formar, porém, o que queremos entender neste trabalho é exatamente quais são esses percalços e barreiras que fazem com que estudantes negras tenham a porcentagem mais baixa no quadro de concluintes, logo mais distantes do caminho da ascensão, quais impactos elas tiveram nesse percurso a partir de suas Escrivências? Qual é o seu caminho da ascensão e o que elas compreendem como ascensão social?

É importante ter em mente que o racismo estrutural está atrelado a diversos processos sociais, quando nos referimos a população negra, logo, dentro de trajetórias. Silvio Almeida (2019), autor do livro *O que é Racismo Estrutural?* Diz que racismo estrutural é decorrência da própria estrutura social, é sistêmico e faz parte do comportamento das estruturas a partir de seus veículos como instituições, na qual passam a ter ações que conferem desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2019). Ademais, quando se fala sobre uma estrutura racista, é importante dizer que dentro das instituições de ensino como as universidades, também existe e é latente o racismo institucional que Silvio teoriza como o domínio do grupo hegemônico,

impondo suas regras, interesses e padrões às relações de poder dentro das instituições, baseado nas características do indivíduo, na cor e consequentemente na classe social e gênero.

Sobre isso, Lélia Gonzalez (2020), na obra *Por um feminismo afrolatinoamericano*, nos fala sobre os processos históricos de opressões que são vivenciados pelas mulheres negras em contextos econômicos e sociais. O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa (GONZALEZ, 2020, p.35) [...] Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplex discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho. (GONZALEZ, 2020, p. 48).

Veamos, se a mulher negra é minoria quando se fala em adentrar na universidade ou em se manter dentro dela, as opressões aumentam quando se categoriza seus marcadores sociais. É importante se observar o que Lélia discute, pois esta cita uma divisão social existente e latente economicamente falando, visto também que a maior evasão dentro das universidades, é por parte da população negra, porém, quem sofre com maiores obstáculos mesmo dentro das instituições ainda são as mulheres não brancas. De acordo com a revista Agência Brasil, muitos estudantes negros e negras saem da universidade por questões de deslocamento do local de moradia até a instituição e mais ainda por falta de creches perto das instituições, para as mães e os pais deixarem seus filhos enquanto estudam, ou seja, a falta de estrutura das universidades, como a falta de bolsas para a permanência estudantil, também corrobora para essas evasões. Lélia, chama a atenção para a longa e tripla jornada de trabalho em que a mulher negra precisa se submeter visto que, para muitas, apenas estudar sem se preocupar com a família ou casa, é uma realidade distante, torna-se um privilégio.

Nas entrevistas realizadas com as estudantes, muito foi falado sobre as dificuldades financeiras dentro de suas famílias, logo, isso foi um fator decisivo que dificultou o ingresso e a permanência das estudantes na universidade, tendo em vista que, para muitas, a família é a primeira base para dar os seus primeiros passos rumo a realização profissional, rumo a ascensão social. O que Lélia Gonzalez menciona em seus escritos, posteriormente Kimberlé Crenshaw vai nomear como interseccionalidade, que é uma análise de fenômenos sociais com o uso das categorias de raça, classe e gênero, não podendo dissociar uma categoria da outra. A autora diz que muitas das experiências que as mulheres negras enfrentam não são classificadas dentro das fronteiras

tradicionais da raça ou discriminação de gênero, uma vez que essas fronteiras são atualmente compreendidas e que a intersecção do racismo e do sexismo afeta as vidas das mulheres negras de maneiras que não podem ser capturadas completamente examinando as dimensões de raça ou gênero dessas experiências separadamente. (CRENSHAW, 1993).

Kimberlé (1993) explica que para confrontar as barreiras sociais perante a processos de inserção como os de universidades e empregabilidade, é necessário pensar em estratégias de intervenção que possam abranger experiências de mulheres em suas diferenças, visto que vivências de mulheres não-brancas e de mulheres brancas são de lugares sociais diferentes, levando em consideração a classe e a cor da pele, além de suas trajetórias de vida. Portanto, classe, raça e gênero são aspectos que se cruzam diretamente dentro dos sistemas estruturais, na qual geram violências e desigualdades para quem está na base da pirâmide social (HOOKS, 2019), ou seja, afetando diretamente as estudantes negras.

Importante mencionar que, essas questões me vieram à cabeça logo quando comecei a me entender enquanto uma estudante e pesquisadora negra, chegando a seguinte constatação; *Nós, mulheres negras, que vivemos à margem da sociedade, mesmo que, com trajetórias distintas socialmente, somos igualmente colocadas à margem de diversos espaços sociais e de oportunidades de melhoria de vida.*

A proposta aqui, é realizar uma análise a partir das intelectuais negras, para compreender essas trajetórias e o que seria ascensão social para essas estudantes. Compreender, ainda como o ingresso na universidade, o ser pesquisadora, ser estudante do curso de Humanidades da Unilab, mulher e negra, impactou a vida delas, tendo como lente de análise as intersecções propostas por Crenshaw, que passam pelas questões de classe, raça e gênero.

A partir de minhas experiências, ou como Djamila Ribeiro (2017), diria, o meu *lugar de fala* mulher, negra, nordestina, brasileira, ser pesquisadora, além de ter esses marcadores sociais, é bem complexo porque “a universidade cria os editais, mas por dentro não muda em nada”, como enfatiza Joseli Cordeiro (8º. Encontro do 3º Ciclo do Projeto de Formação do Lélia Gonzalez, Presente, 2024), quilombola, mulher preta, mestre em História Social pela UFC. Assim como Joseli Cordeiro, na Unilab, eu também sinto falta de recursos financeiros para me manter, de bolsas de estudos para a extensão e para a pesquisa. Esses fatores são um limitador para a minha excelência acadêmica e para a minha dedicação exclusiva aos estudos. Mas, mesmo com esse contexto escasso de recursos, eu me dedico ao máximo para dar conta das componentes, da minha pesquisa e dos projetos que participo voluntariamente.

Diante dos problemas estruturais existentes dentro das universidades, a presente pesquisa buscou analisar as trajetórias de vida de estudantes negras da Unilab do Curso de

Bacharelado em Humanidades, no estado do Ceará, a partir das categorias ‘base’ e ‘ascensão social’, onde eu desmembro questões de classe, gênero e raça.

Pretendo ainda, com essa pesquisa, questionar o que se entende por base? Como essa categoria sustenta o caminho de ascensão dessas trajetórias de vida? Ao ingressar na universidade o que se altera em suas vidas? Os obstáculos diminuem ou se intensificam? Estar na universidade impulsiona a seguir uma carreira profissional, a construir projetos de vida?

A ascensão social, muitas vezes se torna uma meta de vida para muitas pessoas, todavia, mas nem todas elas conseguem ascender ou ascender da mesma forma, um exemplo é o de Conceição Evaristo, que afirma ter conseguido ascender na profissão, aos 70 anos de idade. A partir disso, faço a reflexão de que, apesar de muitas pessoas almejam a ascensão, esta não chega para todos, ou se chega ou é alcançada, não é de forma igual, e por que não é de forma igual. Por muito tempo me questionei sobre o por que ser tão difícil algumas coisas para mim, apesar de, fazer de tudo para obter sucesso, a caminhada é exaustiva.

Lendo Janaina Damasceno (2008), fica nítido que a ascensão tem um fator principal que é um fator determinante e estreitamente ligado à raça. Outro fator que contribui para a ascensão ser alcançada ou não, é o gênero, e, outro determinante é a classe na qual o sujeito está inserido. O problema aqui, de uma forma mais objetiva, é que, para alcançar um determinado lugar social, o racismo, gênero caminham juntos, a classe fator que se soma, porque se você for uma mulher preta e pobre, dificulta ainda mais alcançar esse objetivo, visto que, grande parte dessas mulheres tem duplas jornadas de trabalho, não tendo os estudos como prioridade.

Portanto, a pesquisa tem como objetivos geral analisar as trajetórias de vida dessas de estudantes do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Unilab, Ceará, tendo como alicerce suas Escrivências. Como objetivos específicos: 1) Compreender os caminhos percorridos das estudantes até acessar a universidade; 2) Analisar sobre o que seria ascensão social a partir da compreensão e experiências vividas por elas e 3) Identificar e mapear redes de apoios dentro da Unilab.

Neste trabalho uso como método analítico a Interseccionalidade estudado em primeira mão por Lélia Gonzalez, intelectual, professora, filósofa, escritora, ativista das causas negras e antropóloga brasileira. Alex Ratts, geógrafo e estudioso da biografia de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento no Brasil, ousa em dizer que Lélia é referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe no Brasil, na América Latina e no mundo ao ser a primeira intelectual brasileira a associar os conceitos de raça e classe em seus estudos.

Dialogo com Kimberlé Crenshaw (1993), advogada, ativista de direitos humanos e acadêmica, intelectual que consolidou o conceito. Segundo a autora, o conceito foi aprimorado em razão de suas observações, comparou a uma observou a “sobreposição” de múltiplas formas de discriminação, como sexismo e racismo, categorias não observadas e negligenciadas por movimentos e agendas sociais como conferências governamentais.

Para ampliar nossa lente de análise, aprofundi nos estudos de Patrícia Hill Collins (2021), que vem se dedicando à sua trajetória de pesquisa como professora universitária em consolidar um método analítico interseccional. Segundo a autora, compreende que o conceito está apoiado em três ideias centrais: 1) em como a copa do mundo da fifa pode ilustrar as relações de poder interseccionais; 2) o crescente reconhecimento da desigualdade econômica como um problema social global e 3) e como a interseccionalidade se manifestou no movimento das mulheres negras do Brasil (Collins, 2016).

A partir de Collins (2021), compreendo que interseccionalidade é o estudo das relações sociais de forma indissociável, ou seja, não sendo possível estudar raça, classe, gênero -entre outros marcadores- sem investigá-los de forma homogênea, a autora diz que “as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes.” (COLLINS, p.17).

Portanto, o diálogo com Lélia Gonzalez, Patrícia H. Collins e Kimberlé Crenshaw, auxiliou e muito explicitar o conceito de Interseccionalidade presente na experiência das estudantes.

Um segundo conceito que usarei como ferramenta analítica é o que Conceição Evaristo denomina de Escrevivências, na qual, a autora conceitua como uma junção de escrever mais vivência, mas não somente isso, o termo está ligado também com as experiências coletivas de mulheres negras. Diante disso, foram analisadas as entrevistas das colaboradoras deste projeto, levando em consideração as suas trajetórias de vida, percepções sobre si, o meio social que ocupam e também sobre a estrutura social.

A metodologia da pesquisa, foi se modificando a partir da leitura e releitura do trabalho, ou seja, da lapidação do trabalho. Num primeiro momento, seria no formato de um projeto de pesquisa, sem ir a campo. Pensei, e em conversa com minha orientadora pensamos que em se tratando de trajetórias, seria difícil não existir a presença das interlocutoras, de realizar entrevistas e ouvir os relatos de experiências delas, as estudantes negras. O próximo passo, foi elaborar um roteiro de entrevistas e definir que seriam seis estudantes negras da Unilab, dos cursos de Agronomia e Humanidades, para pensar nessas trajetórias de lugares diferentes de dentro da universidade, porém, não foi possível se realizar nesse formato, pois, a partir da

reelaboração da proposta de pesquisa, considerando o tempo, calendário acadêmico e fluidez, serem apenas estudantes do curso de Humanidades. A partir disso, foi pensado e planejado um roteiro de perguntas e estruturação dessas entrevistas, que aqui, chamo de diálogo.

Para realizar o diálogo, foram feitas 20 perguntas organizadas em 3 blocos, na qual, o primeiro bloco foram realizadas perguntas iniciais como por exemplo a cidade natal, idade e a autodeclaração racial, já no segundo bloco, perguntas de contexto familiar e socioeconômico como os afazeres da família, sua renda ou se a entrevistada recebe bolsa ou auxílio da universidade, e no terceiro bloco, perguntas de carácter mais pessoais e norteadores para entender essas trajetórias como, sua trajetória na escola, na universidade e sobre a autoconsciência racial da entrevistada. Essas perguntas foram primordiais, para compreender essas trajetórias de maneiras coletas, que se assemelham, mas cada uma tendo as suas especificidades e conflitos.

Em razão do curto período para a realização da pesquisa tive que diminuir o número de estudantes. Assim, os diálogos ocorreram com quatro (4) estudantes negras da universidade, tanto as estudantes ativas no curso, quanto as egressas, que já passaram pelo curso de Humanidades da Unilab. Convidei especificamente Lavínia, Aline, Erikânia e Karina, por já conhecê-las anteriormente pelo próprio contato na universidade e disciplinas que já estudamos juntas, somos colegas e compartilhamos vivências além da unilab, então, faria sentido convidá-las, pela proximidade e saber da potência de cada uma. Enviei um convite via whatsapp. Os encontros ocorreram em lugares diferentes para cada convidada, como na universidade, na casa delas. Os encontros foram gravados com o gravador do celular com a autorização das mesmas e depois as entrevistas foram transcritas.

1. PRESENÇA NEGRA NA UNIVERSIDADE: UMA TRAMA RACIAL E SOCIAL E A SER INVESTIGADA

Para iniciar o debate teórico, penso que em discutir sobre o conceito de mobilidade social, por Nelson do Valle e José Pastore (2000). Para os autores, mobilidade social significa as mudanças hierárquicas das posições sociais, isto é, as mudanças sociais que as pessoas ocupam com o tempo em sociedade seja crescente ou decrescente, na qual decrescente seria a mudança social do indivíduo para uma posição inferior à que ele estava e crescente sendo a mudança de posição social para superior ou ascender nesta sociedade. Nelson do Valle (2000), autor conhecido como sociólogo das populações, no livro *“Mobilidade Social no Brasil”* juntamente com José Pastore, dissertam sobre os estudos de mobilidade social na década de 1973, estes escrevem que o estudo permite visualizar a trajetória social entre gerações e dentro da mesma geração, registrando as mudanças de longo prazo e grande profundidade, além de buscarem entender o fenômeno da mobilidade social como uma estrutura desigual que permanece, na qual “muitos sobem pouco e poucos sobem muito” (DO VALLE, PASTORE, 2000).

Ademais, é importante discutir sobre a mobilidade social, tendo em vista que, ao se falar de trajetórias, os temas se entrelaçam. Os autores a partir de dados do IBGE de 1973 já falavam sobre essa desigualdade de classe, que é atravessada diretamente pelo fator raça, este sendo um determinante muito importante nesta pesquisa. Ao se falar de trajetória, é imprescindível não citar que, tais caminhos são perpassados pelo racismo estrutural existente em sociedade, logo, o autor discorre em sua obra sobre essa mobilidade conhecida também como “mobilidade circular”, que se consistia na lógica que, para uma pessoa subir, outra teria de desocupar a posição de alguma forma seja se aposentando, descendo de cargo ou indo a óbito. É destacado pelos autores também a dificuldade de ascensão social de brasileiros pretos e pardos, de acordo com os estratos dos dados do IBGE de 1973, em relação à baixa estrutura social, estão os brancos com 16,5%, pessoas de cor preta com 25,0% e os pardos 30,7%. Por conseguinte, estes discorrem sobre os dados de escolaridade, salários mínimos de acordo com as porcentagens sendo as pessoas pretas as que menos recebem.

Outro ponto importante ao falar sobre mobilidade social no Brasil, é o fenômeno de, o mercado de trabalho se tornar competitivo a cada dia, logo, exigem mais qualificação profissional para o indivíduo conseguir determinada vaga de emprego, a educação é um forte requisito para qualquer currículo, todavia, vale questionar, a quem se destina essas vagas de emprego, visto que existe uma hierarquia social na qual as pessoas negras se encontram abaixo

da pirâmide, e traçando um recorte de gênero, mulheres negras estão na base dessa pirâmide (HOOKS, 2019). É importante refletir a partir do que Nelson e Pastore (2000) trazem no texto, tendo em vista que em suas pesquisas, é nítido que as porcentagens de pessoas brancas, sobretudo homens brancos chefes de família que estão ocupando cargos altos em grandes empresas é bem maior do que a porcentagem de pessoas negras empregadas, e se for fazer uma comparação com os trabalhos, vamos notar uma grande discrepância na ocupação dessas vagas em relação a essas hierarquias raciais, fazendo importante destacar que, estruturalmente, vagas de emprego para mulheres, sobretudo mulheres negras, percebemos que o lugar de cuidado sempre se sobressai, como vagas de secretárias, auxiliares, cuidadoras e assim por diante, lugares estes que estão e foram reservados desde a época escravagista, quando as amas de leite faziam o papel de cuidar dos filhos e filhas dos seus patrões.

Para reforçar o diálogo com Nelson do Valle e José Pastore (2000), trago os estudos de Janaína Damaceno (2008), que estudou em seu mestrado *"Elas são pretas: cotidiano de estudantes negras na Unicamp"*. No primeiro momento da dissertação, Janaina fala um pouco a respeito do seu processo, da sua trajetória de pesquisa, como foi construída, desde a sua caminhada na universidade, a sua saída para se comprometer ao audiovisual e estudar sobre questões raciais e sua inserção novamente na academia para completar a sua pesquisa. A pesquisa da autora é importante para este estudo, pois nos faz entender de forma mais explicativa as questões raciais na universidade de campinas (UNICAMP), de como as estudantes negras se localizam racialmente dentro da instituição e como é o cotidiano delas (a partir de entrevistas) e como a instituição aborda os temas raciais.

Janaína (2000), destaca que até então, os (as) estudantes negros e negras da UNICAMP, não tinham ingressado na universidade por meio das políticas afirmativas, assunto que, naquele momento não estava no centro do acadêmico. Após vários questionamentos dos (as) seus pares sobre as políticas afirmativas, os (as) estudantes negros (as) começaram a questionar sua identidade negra dentro daquele espaço. E logo, o documentário ajudou a terem essa perspectiva atravessada pelo recorte racial.

Sob esta perspectiva minha questão seria a de investigar como os sujeitos interpretam suas experiências cotidianas na Universidade Estadual de Campinas. Há experiências comuns a estudantes negras que não são compartilhadas por outros grupos sociais como o de estudantes brancos? Essas experiências são apreendidas e significadas do mesmo modo pelas estudantes ou seus significados podem ser distintos devido, por exemplo, a intersecção com outras categorias como classe social, faixa etária, religiosidade, opção sexual ou regionalidade? A intenção em trabalhar com entrevistas e autobiografias, denota a possibilidade de compreender as matrizes que compõem as experiências em comum, percebidas e valorizadas de modos diferentes por diferentes estudantes, mostrando assim a heterogeneidade do grupo estudado. (DAMACENO, 2008).

Existem muitas experiências individuais dentro da universidade, são estudantes que vêm de localizações diferentes, culturas e linguagem verbal diferente também. Dito isso, essas experiências podem se assemelhar por marcadores sociais em comum, como a cor. A autora tenta, a partir das suas observações e entrevistas, identificar nessas estudantes algo em que se assemelham.

Outra perspectiva importante que a autora traz em seu trabalho para nos fazer pensar, é sobre os processos de ingresso nas universidades, Janaína (2008) descreve as trajetórias acadêmicas de homens e mulheres negros. Fala sobre o acesso às instituições de ensino superior a mulheres negras, que foram marcadas pela falta de possibilidades, sendo permitido somente a alfabetização e o magistério, ambos não garantiam o ingresso na faculdade, a estas que desejassem fazer o ensino superior, era necessário sair do país (Brasil) e ir para outro país que permitisse o egresso, como nos Estados Unidos. Chama atenção para a falta de estudos sobre a história dos negros nas instituições científicas no Brasil e faculdades no período anterior a universidade, sendo essa falta de registros, um apagamento histórico, assim como a falta de estudos que mostrem a primeira fase da presença de pessoas negras na universidade. Essa falta de possibilidade para pessoas negras, principalmente as mulheres, se dá pelo racismo institucional, Silvio Almeida diz que, “O racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.” (ALMEIDA, 2019, p. 26).

Janaina (2008) não diz explicitamente que as universidades negavam os seus egressos, todavia, ao analisar os métodos utilizados pelas universidades, nitidamente existia um racismo sutil e ao mesmo tempo escancarado, o não dito, mas sim, o que mexe na estrutura para impossibilitar tal entradas. Vale ressaltar também que em 1930 (era Vargas), o quadro de professores (as) negros e negras estava diminuindo, devido os processos de seleção que exigiam testes e treinamentos rigorosos baseados em critérios vagos e difusos como saúde, aparência, exames psicológicos e testes de inteligência que eram utilizados para facilitar a exclusão do/da candidato sem se utilizar a raça como justificativa.

Outra autora que vai de encontro com que Janaina escreve, é Maria Marques (2023), em sua tese sobre trajetórias e ascensões “*Trajétórias de vida de mulheres negras: Mobilidade social e significados do corpo negro e do cabelo crespo*” a autora discorre a respeito de como as características podem ser significativas para uma estrutura racista, como o cabelo; traços; cor da pele; a sua tonalidade, impactando diretamente em mulheres negras que buscam pela sua inserção em meios que historicamente foram subalternizadas ou negadas as suas inserções.

Marina (2023), discute sobre como estes fatores são entendidos como marcadores sociais que colocam mulheres negras em um lugar de desvantagem e desigualdade:

A interposição de marcadores de desigualdade faz com que as mulheres negras ocupem as piores posições nos indicadores sociais brasileiros, quando comparadas com mulheres brancas, homens brancos e homens negros. Em 2010, eram 57% das empregadas domésticas, e a maior parte (62,3%), não tinha Carteira de Trabalho assinada (IBGE, 2014). Com relação ao acesso à saúde, em 2003, 46,27% nunca haviam passado por um exame clínico de mama, em contraste com 28,73% das mulheres brancas (LUANA PINHEIRO; VERA SOARES, [2003]). As desigualdades continuam quando se trata de acesso à educação, vitimização pela violência, representação política e acesso à educação (IBGE, 2014).

Diante disso, a importância do cabelo para mulheres negras, se torna um símbolo identitário fortemente ligado às suas experiências e formas de se enxergar no mundo, desde a época escravista, na qual Nilma Lima Gomes (2008) descreveu que nos portos brasileiros, acontecia uma prática de apagamento identitário, logo quando as pessoas capturadas chegavam ao destino, que era o ato de raspagem dos cabelos, como forma de desvinculação do seu grupo de origem para se consolidarem como parte do grupo de pessoas escravizadas, além do novo corte, significar também uma hierarquia entre os escravizados:

Na escravidão o tipo de cabelo e a tonalidade da pele serviam de critérios de classificação do escravo e da escrava no interior do sistema escravista, ajudando a definir sua distribuição dos trabalhos do eixo, nos afazeres domésticos no interior da casa-grande e nas atividades de ganho (Gomes, 2008, p. 138).

De acordo com Marina (2023), dentre os inúmeros atributos corporais utilizados para distinção racial (como cor da pele, formatos e tamanhos de olhos, nariz, boca, pés, cabeça, torso, seios, nádegas, pernas, entre outros), destaca-se o formato dos cabelos, haja vista que esse elemento foi e é um dos mais efetivos no estabelecimento da diferença (MARINA, 2023). A vista disso, a autora em sua tese, além das trajetórias de suas entrevistadas, relata a sua história com o seu cabelo, na qual alisava desde a infância, sem muita perspectiva do porquê alisava, afinal, ela estava inserida em um meio em que outras mulheres alisavam também, me fazendo refletir sobre como nós mulheres negras, nos sentimos na obrigação de alisar por que outras de nós estão alisando também, e muitas vezes por sermos condicionadas pelo nosso meio social, na qual o bonito seria o cabelo alinhado, assim como o cabelo de tantas mulheres brancas. Estar em ambientes na qual se limitamos a termos as mesmas referências, nos condiciona a ter aquilo como uma verdade absoluta, nos faz pensarmos que só aquela referência é possível. Eu enquanto uma jovem mulher negra, uso meu cabelo cacheado, porém, assim como Marina e tantas outras companheiras, alisava meus cabelos em prol de deixá-lo alinhado, “bonito”, e controlado, minhas amigas todas tinham cabelo liso, e eu me sentia feia perto delas por não ter

o cabelo igual, é importante se dizer que, o cabelo é uma forte expressão de autoestima, por isso é tão importante ele está nos “conformes”, mas que “conformes” são esses? Marina fala do alisamento de cabelo como uma prática ritualística (MARINA, 2023, p. 9) com a intenção de alterar não só a estrutura dos fios, mas também de ensinar sobre significados sociais.

Denise da Costa (2017), escritora e antropóloga em seu trabalho “*Que leveza busca Vanda*”, fala sobre os sentimentos e emoções com a “*lida*” dos cabelos crespos com mulheres de Brasília e Maputo. Esta diz que, “cabelos são uma parte do corpo que é maleável pela cultura e, sendo facilmente manipuláveis, carregam em si muitos significados [...] cabelos possuem força, provocam sentimentos fortes naqueles que os portam. Sendo assim, são uma parte do corpo que mobiliza emoções”. (CRUZ, 2017, p.13).

Aqui, é importante compreender, que para mulheres negras, os seus cabelos são como uma base para a autoestima, é uma das primeiras coisas que chega nos espaços, além da sua cor, então, para muitas, ter o cabelo “alinhado” é extremamente importante, vai transmitir a primeira impressão, e caso este não esteja sob essas condições, pode mexer com a autoconfiança. Falo isto por ser uma mulher negra de cabelos cacheados, que sente e se comove quando meus cabelos não estão como eu queria que estivesse, esse sentimento que domina muitas vezes a cabeça de tantas mulheres negras, me faz compreender como uma imagem de controle (COLLINS, 2019) que vamos entender sobre essas imagens um pouco mais a frente.

Ademais, essa *lida* com o cabelo, significa também que junto, vem as dores de ter que fazer procedimentos na qual este se torne “bonito”, querer ter este cabelo, significa passar por processos que muitas vezes são dolorosos, como no alisamento, o uso da química que pode danificar o couro cabeludo. Denise em sua tese, traz também o conceito de *retocar*, que com a ajuda da química, mulheres com cabelos cacheados e crespos utilizam para alisar a raiz do cabelo quando cresce, a autora explica que esse *retocar*, significa dizer que tem alguma coisa errada com o cabelo, na qual ele precisa ser corrigido. Muitas mulheres negras, sentem a necessidade desse retoque para não mostrarem que as suas raízes são enroladas, pelo receio de acharem os fios feios ou pelo julgamento no olhar.

Patrícia Hill Collins (2019), trata essas situações como imagens de controle, a autora em sua obra *Pensamento Feminista Negro*, diz que os estereótipos sobre as mulheres negras, em relação as suas características, exercem um poder de dominação por grupos de elites, a maioria brancos, fazendo com que mulheres negras sejam difamadas por suas características, fenótipos e cor da pele, usando a imagem delas de forma negativa. A vista disso, os termos que Denise traz em seu trabalho, vai de encontro com os conceitos que Patrícia dialoga em sua obra, exemplificando a discussão sobre o ser mulher negra.

2. A PRESENÇA NEGRA NA UNIVERSIDADE

2.1 Trajetórias de mulheres negras na Unilab/CE

A autora que escreve este trabalho, é uma estudante, mulher e negra, que estuda na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e também é pesquisadora e intelectual. Para chegar a estas conclusões, foi um caminho de percalços e autoconhecimento árduo. Primeiramente porque ser negra em um espaço institucionalizado é uma ascensão que infelizmente nem todas as pessoas de cor conseguem alcançar, se esta for para ela, uma ascensão. Em primeiro momento neste capítulo, é importante entender que a Unilab é uma universidade federal que se localiza no Ceará, na cidade de Redenção, pertencente ao Maciço de Baturité. É uma universidade interiorana e internacional, que tem parcerias com países do continente Africano como Angola, Guiné Bissau e Moçambique, e também faz ligação com outros municípios da região do maciço, como Barreira, Acarape, Pacoti, Capistrano e entre outras cidades.

A Unilab é uma universidade que tem um projeto educacional diferente das outras universidades, é uma instituição que preza pelo ensino antirracista e que busca afrocentrar os currículos, a partir de referências negras dentro das suas matrizes curriculares, referências bibliográficas e também no quadro de professores e professoras que nela trabalham, além de integrar estudantes de culturas e de diferentes lugares. Entretanto, apesar de ser um lugar que, em teoria, se entende como um *espaço seguro* na qual, Patrícia Hill Collins (2019) explica que este conceito “ao fazer avançar o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição esses espaços seguros ajudam as mulheres negras a resistir à ideologia dominante disseminada não apenas fora da sociedade civil negra, mas dentro das instituições afro-americanas” (COLLINS, 2019).

Mas, quando se trata de racismo, a Unilab não é diferente, aqui também tem repressões devido ao racismo institucional em relação a nós mulheres negras estudantes dentro da universidade é muito forte. Falando um pouco sobre a minha trajetória enquanto estudante universitária, minha formação é composta por muitos altos e baixos devido às inconstâncias desse espaço institucional, a falta de bolsas e também de auxílios para manter os estudantes dentro das portas da academia é um dos pontos mais importantes a serem discutidos neste capítulo, devido a necessidade estudantil de permanência pela falta de estrutura econômica de cada um individualmente, é importante dizer também que, o racismo dentro das paredes institucionais é latente, haja vista que, processos seletivos geralmente já tem cor e rosto para quem deles participa, sendo importante refletir sobre o racismo institucional:

O racismo institucional é um dos modos de operacionalização do racismo patriarcal heteronormativo - é o modo organizacional - para atingir coletividades a partir da priorização ativa dos interesses dos mais claros, patrocinando também a negligência e a deslegitimação das necessidades dos mais escuros. E mais, restringindo especialmente e de forma ativa as opções e oportunidades das mulheres negras no exercício de seus direitos (Geledés – Instituto da Mulher Negra e Cfemea – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, 2013).

Desse modo, as trajetórias das estudantes negras da Unilab, mais especificamente, das interlocutoras deste trabalho, têm encontrado algumas barreiras, como, a cor da pele, a questão econômica e também a de gênero. As interlocutoras, são atravessadas de diferentes formas pelo racismo, vidas em contextos diferentes, mas que em determinados momentos, se assemelham. A universidade assim, sendo um ponto em que as une, mas esses caminhos no percurso acadêmico, são discrepantes; uma meta a ser alcançada por algumas, mas para outras vem sendo um objetivo distante do que se espera atingir, devido a outras urgências na vida, como a necessidade de trabalhar. Destaco aqui, as falhas nas políticas de permanência da universidade, de não conseguirem suprir as necessidades estudantis, logo, a evasão ocorre de forma contínua. O movimento estudantil, apesar de atuar como um mediador diante os conflitos existentes entre estudantes e gestão, ainda não conseguem reverter determinadas situações existentes dentro da universidade como por exemplo os cortes de auxílios, devido ao desmonte dentro da universidade que desmobiliza as ações enfrentadas por esses movimentos.

2.2 Redes de afetos e afroAfeto: estratégias de permanência na universidade

bell hooks em “Vivendo de amor” (2010), retrata no texto a dificuldade em que, nós, pessoas negras, sentimos ao falarmos sobre o amor e nos relacionarmos afetivamente um com o outro. bell traz em sua escrita, que a escravidão impactou diretamente em nossa maneira de sentir, receber e expressar as emoções, a autora discorre sobre como o racismo nos atravessa e nos adocece espiritualmente e sentimentalmente, nos colocando em um lugar de não merecimento de afeto, abrindo feridas irreparáveis, que só o amor seria capaz de curar. Mais à frente, no livro Tudo sobre Amor: novas perspectivas, hooks fala sobre a importância do amor em nossas redes de afeto, especificando as nossas famílias como uma das primeiras bases afetivas, e que, caso não encontremos essa “cola”, nessa base, muitas pessoas optam por relacionamentos amorosos, todavia, a autora ressalta a importância da amizade também como um alicerce:

A maioria de nós é educada para acreditar que encontraremos o amor em nossa primeira família (nossa família de origem) ou, se não lá, na segunda família, que se

espera que formemos comprometendo-nos em relacionamentos amorosos, particularmente aqueles que levam ao casamento e/ou a vínculos que durem a vida inteira. Muitos de nós aprendem ainda na infância que amizades nunca deveriam ser vistas como tão importantes quanto laços familiares. Entretanto, a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. Aprender a amar em amizades nos fortalece de formas que nos permitem levar esse amor para outras interações com a família ou com laços românticos (HOOKS, 2000, p. 166.).

Nesse sentido, é muito importante dentro da universidade, existir redes de afeto, principalmente redes de afetos de nossos pares. Aqui, venho me debruçar na escrita, ao falar sobre as minhas redes de afeto dentro da universidade, pessoas que se tornam *espaços seguros* nessa longa trajetória acadêmica, como meus amigos que moram comigo em Redenção, minha mãe, Dona Aurea, meu pai, Francisco e minhas parceiras de caminhada afroafetiva, minha orientadora, Profa. Jacqueline Costa entre outras mulheres do coletivo Lélia Gonzalez!, projeto na qual, busca dialogar sobre as escrevivências de mulheres negras pensando junto as intelectuais negras. É importante estar entre pessoas que possamos nos apoiar e dar esse apoio, a caminhada dentro do universo acadêmico é longo e por vezes difícil, as políticas de permanência por vezes não permitem que muitas estudantes não permaneçam nesse ambiente devido as diversas burocracias e tentativas de silenciamento e exclusão desses corpos na universidade, logo, a afroafetividade se torna uma estratégia de permanência, por muitas vezes ser uma base que sustenta através da ação, amor é ação.

Foi na Unilab que pude percorrer espaços enegrecidos, na qual pude conhecer as intelectuais negras, através da professora Jacqueline e muitas outras referências, lembro-me que na disciplina “feminismos contra-hegemônicos” foi um dos espaços seguros que podia falar sobre o ser mulher negra e me sentir acolhida pela primeira vez, me enxergando como uma mulher de cor e intelectual. Em “Literatura negra”, pude escrever e criar um audiovisual sobre “o samba na casa de exu” da mãe Beata de Yemonja, na qual tive um dos primeiros contatos com a produção de um curta-metragem de temática religiosa e de matriz africana, na Unilab, foi onde conheci o IntegraSamba, grupo de extensão que trabalha com música, buscando trazer a história do samba, suas raízes ancestrais e cantoras e cantores consagrados do gênero musical.

Através do festival das culturas, um dos maiores eventos culturais da universidade na qual temos apresentações culturais, exposições artísticas dos próprios estudantes da instituição, pude pela primeira vez tocar samba, e me ver como artista. Na semana universitária, maior encontro científico da Unilab, pude expor minhas pesquisas, na qual abordo temáticas como gênero, classe e raça, é importante ocupar esses espaços e afrocentrá-los com nossas intelectualidades. E são nesses espaços juntamente com nossas companheiras que nos fortalecemos e nos fazem permanecer na universidade de maneira resistente.

3. TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES NEGRAS NA UNILAB: CAMINHOS DE DESAFIOS, SUCESSO E AFETOS

3.1 As Colaboradoras

As entrevistas com as colaboradoras ocorreram de forma presencial e virtual. Neste trabalho, busco entender a percepção dessas meninas em torno do que elas entendem por ascensão social e o que seria ascensão social para elas. Convidei 4 estudantes, mulheres negras que estão e já estiveram na Unilab, especificamente no curso de humanidades; Lavínia que trancou o curso, Erikânia que se formou no curso e agora está estudando Antropologia, Aline que está ativa no curso e Karina que mudou de curso e de instituição. Antes de mais nada, quero escrever um pouco sobre as minhas interlocutoras, traçar o perfil de cada uma, para fortalecer o debate que iniciarei em seguida.

O primeiro diálogo se iniciou com Lavínia que tem como cidade natal Chorozinho mas que reside em Redenção por conta inicialmente dos estudos, mas que optou por trancar o curso para poder trabalhar, tem 27 anos, é uma mulher cis e negra de pele escura, tem seus cabelos alisados, a interlocutora se identifica como bissexual e não praticante de religião, é filha única de pais separados, mas que sempre transitou pela família dos avós paternos na qual se localizava no berço da cidade (Centro) e a casa dos pais, na comunidade. Convidei Lavínia para participar do trabalho, por já conhecê-la e por ter admiração pela sua caminhada. A minha segunda interlocutora foi Aline que mora em Aratuba, mas que reside em Redenção por causa dos estudos, tem 22 anos, mulher indígena, cisgênero, de cabelos cacheados, heterossexual e se considera cristã, ela tem uma irmã da sua idade que mora com a mãe na qual trabalha como cozinheira e seu pai já fez sua passagem pela terra. Aline é minha colega de curso, já estudamos juntas, e quis convidá-la porque sempre tive curiosidade para conhecê-la um pouco mais e saber suas motivações de estar no curso. Convidei também para esta discussão Erikânia que veio de Guiné Bissau, para estudar na Unilab, em Redenção, na qual já se formou em humanidades e agora está cursando Antropologia, tem 28 anos, mulher negra de pele retinta, cisgênero, heterossexual, de cabelos crespos, é católica, vem de um núcleo familiar na qual o seu pai é considerado o centro da família por dar conta de tudo e serem de classe média em seu país, ela é a única mulher, tendo 2 irmãos e mais alguns primos e primas que moram na mesma casa, sua mãe já fez a passagem pela terra. Chamei Erikânia para o diálogo, por conhecer o seu enorme potencial de pesquisa e por sentir a necessidade de escutar a sua perspectiva de ascensão sendo uma mulher vinda de outro país. A última interlocutora convidada, foi Karina, que nasceu na

cidade de Redenção, mas que se mudou para estudar em outra universidade para fazer pedagogia, tem 28 anos, mulher negra de pele clara, cisgênero, bissexual, de cabelos cacheados e umbandista, filha de pais separados, tem no total 3 irmãos, mas que convive em sua casa apenas com um e sua mãe que já não trabalha mais por questões de saúde, logo recebe auxílio como suporte financeiro. Convidei Karina para o diálogo, por me identificar com ela e por conhecer seus fortes posicionamentos.

3.2 *Erguendo a voz*

Após debruçar nas análises dos diálogos observei que, de acordo com as perguntas, existia uma intensidade maior nas respostas correspondentes às seguintes categorias, a vista disso, vou contextualizar e trazer as falas das interlocutoras seguindo uma ordem semiestruturada em: cor, fenótipo e cabelos; família; a universidade e a cidade de Redenção; redes de amizade, apoio e afetos; mudança de cidade e permanência no curso; e currículo.

Ao decorrer das entrevistas, pude analisar que, no discurso das interlocutoras, conforme iam falando eles se pareciam em formavam blocos temáticos, um deles, por exemplo foi sobre os cabelos, apesar de, a autora que aqui escreve, não ter elaborado perguntas em relação ao assunto e talvez esse tenha sido de forma proposital para entender se elas mesmas iriam chegar no assunto, as interlocutoras em determinado momento da entrevista, os citavam e para enegrecer a discussão, exemplifico com trechos das falas, onde Lavínia diz que:

Quando eu era pequena, eu chorei tanto pra ter um cabelo liso. Chorava sempre, porque eu odiava, odiava. Eu odiava... Eu acho que é por isso que eu não consegui ter o cabelo cacheado depois de grande. Eu odiava a demanda de tempo que a minha mãe tinha que usar pra arrumar meu cabelo. Toda vida que a gente ia sair, eu tinha que ficar meia hora parada esperando ela arrumar meu cabelo. E eu detestava isso. (Lavínia, 27 anos, brasileira).

Para Aline, o assunto sobre o cabelo, chega da seguinte forma:

[...]”Era muito, muito, muito, muito. Os comentários. E eu percebi que quando eu vivia com o cabelo chapado, eu recebia muitos elogios. E depois que eu comecei a usar meu cabelo cacheado, mudou. Pouco escutava alguém falando, nossa, cabelo bonito. Mas quando eu tinha o cabelo grande, liso, nossa, quase todo dia tinha alguém aleatório da escola que falava, nossa, que cabelo bonito essa menina tem. [...] Eu alisava, não com produto químico, sim, mas era chapa com prancha. Eu passava muito. Passava muita prancha também. E eu via todas as meninas com cabelo liso, gente, porque eu sou a única que vou ficar com o cabelo cacheado. Não tinha um penteado, não tinha ninguém que ia fazer nada. A minha mãe, ainda quando era criança, fazia uns pitózinhas, né, umas coisinhas”. (Aline, 22 anos, brasileira, Indígena).

A discussão sobre cabelo, chegou em um momento da entrevista, na qual falávamos sobre suas identificações raciais, sobre a relação delas no ambiente escolar e como eram essas relações interpessoais, me emociona ao falar de cabelo e ler o que as meninas falaram, pois é um assunto que também me perpassa, logo as falas das interlocutoras me lembrou o que Denise da Costa (2017), traz em sua tese que a infância é o período onde se apresenta vulnerabilidades, e se você for uma mulher negra, essas vulnerabilidades tem contornos próprios, pois nesse momento da vida envolve delicados processos de se identificar e ser identificada. Foi na infância que muitas das minhas interlocutoras foram identificadas, e o cabelo foi o maior alvo de apontamentos, por ele estar volumoso ou “bagunçado”, gerava desconforto em quem o via, e logo, desconforto nas interlocutoras, Gomes (2008) em sua tese, fala da *lida*, que é justamente o trabalho direcionado ao cuidado com os cabelos, na qual muitas vezes esse cuidado se direciona também a tentativas de deixá-lo “alinhado”, especificamente o cabelo crespo, na qual a autora descreve que este é referido como rebelde, trabalhoso ou duro.

Segundo Erikânia, em seu país (Guiné Bissau), a *lida* como se refere Nilma Lino Gomes (2018) com os cabelos, significava para ela, ter que alisá-los:

É, é assim... É assim porque o meu cabelo é bem cheio e eu tenho cabelo 3x4. Aí sempre que chegava nas festas, mesmo eu não querendo, eu tenho que alisar o meu cabelo porque dizem que se eu alisar o meu cabelo, eu fico bonita. E eu passei assim todas as festas, toda vez que chegava dezembro, natal, eu já sei que eu vou comprar defrizante pra desfrizar meu cabelo. Eu não colocava as tranças em rasta, lá chamamos rasta, porque eu era muito nova. (Erikânia, 28 anos, Guineense).

A relação do “para ser bonita é preciso ter o cabelo liso”, é antiga, perpassa gerações de mulheres negras, talvez pelo fato de que, historicamente ter cabelo cacheado ou crespo, na estrutura social, seja sinônimo de difícil de cuidar ou feio, independente dos estereótipos, a *lida* com os cabelos não lisos, gira em torno das inseguranças que tantas mulheres negras tem com sua aparência, haja vista que sabemos, que o cabelo é uma parte muito importante da identidade da mulher negra.

Karina também relatou a sua experiência com o cabelo:

Quando eu era pequena. Eu acho que eu nem odiava meu cabelo. Eu comecei a odiar quando fui pra escola e vi as meninas com o cabelo liso, até as que não tinham alisavam. Aí eu pedi a mãe pra alisar o meu. A partir do momento que eu alisei meu cabelo, eu fiquei me sentindo mais bonita [...] quando eu apareci de cabelo liso, começou o tempo de casa, todo mundo elogiando. Aí depois, quando eu saía, eu percebi os olhares diferentes. Mais olhares, né, pra mim, porque eu era mais vista com o cabelo liso, mais bonita. Os meninos também começaram, tipo, ah, eu passei da gostosa pra aceitável, tipo, teve gente que queria namorar comigo. Eu alisei o cabelo. (Karina, 28 anos, brasileira).

A interlocutora traz essa relação do cabelo com os fenótipos e como essa ligação entre cabelo e características físicas, fizeram com que esta fosse julgada pelas pessoas ao seu redor, me fazendo refletir sobre o que Collins (2019) reflete esses julgamentos como imagens de controle, que é justamente como as pessoas enxergam as mulheres negras a partir de uma visão distorcida através de estereótipos, Collins diz que “Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, p. 152). Ou seja, essas imagens de controle, fazem com que se naturalize a objetificação da mulher negra, desde o seu cabelo até o seu corpo.

Outro ponto de análise importante a ser colocado neste trabalho, é em como a família atravessa estas interlocutoras diretamente em suas trajetórias de vida e até mesmo em suas percepções de ascensão social. Para Lavínia, que é filha de pais separados e que cresceu em dois contextos diferentes diz que:

Eu me criei em dois opostos da minha cidade. Porque, em contrapartida, eu passava o dia inteiro na casa da minha avó, que sempre foi um lugar mais elitista, era onde moravam as melhores famílias, a minha avó morava no centro. Enquanto a casa dos meus pais era numa zona de vulnerabilidade, era no meio de uma favela. Tipo, em frente à minha casa tinha uma creche abandonada em que as pessoas que não tinham onde morar, moravam. (Lavínia, 27 anos, brasileira).

Para Erikânia, em sua experiência, família é retratada de uma forma diferente:

A minha casa é composta, assim, eu vou tentar lembrar, mais ou menos, oito pessoas. E nessas oito pessoas, temos uma pessoa que é centro, que é o meu pai, o único que trabalha. Nós somos duas meninas e o restante é os rapazes. Meus irmãos, eu tenho um irmão, parte de mãe eu tenho dois irmãos que vivem aqui no Brasil e parte de pai eu tenho, deixa eu lembrar, assim, somos três. Nós vivemos com outro primo em casa. Lá na Guiné, temos uma condição de vida média. Não é rico, não é pobre, mas é uma condição de vida média. Porque ter uma condição de vida média lá é ter pequeno almoço e jantar. É ter uma educação, estudar nas escolas privadas. Porque escolas públicas é um pouco difícil tendo em conta as sucessivas greves que aparecem. E aí, na nossa casa, temos esse privilégio de estudar na escola privada e, como disse, ter acesso à saúde, né? Tipo, não ter esse plano de saúde, mas... Tipo que o meu pai dá todo esse apoio de pagar toda consulta e medicamento. (Erikânia, 28 anos, Guineense).

A vista disso, podemos analisar as duas falas, a partir do que Nelson do Valle e Pastore (2000), estão chamando de Mobilidade Social. Os autores escrevem que mobilidade social são as hierarquias de classe, é a forma como ela se movimenta e se modifica, enquanto um desce, outra sobe e assim a mobilidade entre classes vai acontecendo. Quando Lavínia diz que desde criança transitava por esses dois mundos, é importante se atentar a essa complexidade devido às desigualdades existentes entre os dois, ora, se por um lado, existe uma família de estrutura

elitista, de outro, existe um local em que a interlocutora aponta como vulnerável, Nelson e Pastore descrevem esse fenômeno como “muitos sobem pouco, e poucos sobem muito. Daí a persistência da desigualdade” (DO VALLE, PASTORE, 2000).

Em diálogo com o que Erikânia relata, a interlocutora descreve a centralidade da figura do pai, na qual ele é o provedor da família, além dela ser a única filha mulher, apesar de ter uma prima morando junto. O que a interlocutora relata, é importante para entendermos a existência latente de um patriarcado dentro da família, não me debrucei em perguntá-la se é cultural em seu país ser essa a função do pai, mas em contraponto, Lavínia relata a figura da mãe como central em sua família “sempre foi a minha mãe que segurou a barra, porque ela era a rocha da casa, ela era a estabilidade que a casa tinha” (Lavínia, 27 anos, brasileira).

Karina relata também a importância da figura da mãe em sua vida:

Eu tenho contato toda hora com todo mundo, só que para estar todo dia é com minha mãe e meu irmão. Dentro da minha casa nunca teve esses conflitos. [...] Ela não escuta muito bem. Foi depois de uma AVC que ela teve, e aí ela não pôde mais trabalhar, né? Aí tinha os auxílios, né, do governo. Aí enfim, ela vivia desse jeito e foi criando a gente desse jeito, né? Aí depois de um tempo ela conseguiu o auxílio, que foi da impossibilidade que ela tem de trabalhar (Karina, 27 anos, brasileira).

Aqui, início o diálogo sobre as categorias em relação a cidade de Redenção e a universidade, também discuto sobre a permanência no curso, mudança de cidade e em como a condição financeira pode impactar na trajetória dessas estudantes assim como em suas percepções de ascensão, haja vista que todas estas questões estão interligadas. Para introduzir o diálogo, venho discutir com o que Karina fala de sua mãe, além de vê-la como pilar, esta relata sobre as dificuldades em aspecto econômico de sua família, a interlocutora conta também, que ainda como estudante da Unilab, o auxílio exercia um papel fundamental que era lhe dar suporte, assim, não precisava ficar dependente de sua mãe:

[...] Por mais que eu vivesse, eu morava com minha mãe, né? Mas o dinheiro era dela, entendeu? E mal dava pra manter a casa. Então, eu me sentia muito... Eu me sentia um peso pra ela, na verdade, eu nunca gostei, ela não reclamava, mas eu me sentia um peso, assim, pesado dentro de casa, porque eu estava ajudando, entendeu? E já foi mais difícil, só que eu não consigo (Karina, 27 anos, brasileira).

Ao decorrer do diálogo, a interlocutora conta sobre o corte no seu auxílio, e como isso influenciou na sua permanência na universidade, e que por mais que morasse com sua mãe, era desconfortável para ela viver assim, logo, optou por mudar de curso, instituição e cidade em busca de novas oportunidades. É possível perceber que, para as estudantes, o aparato da família e da universidade é essencial para essa permanência, apesar de existirem diversos desmontes

na universidade, impactando nessas trajetórias. Sem bolsa ou auxílio, se torna extremamente difícil continuar na academia e é complicado trabalhar e estudar devido a carga horária se tornar exaustiva.

Lavínia também relata sobre a sua trajetória acadêmica dentro da unilab:

Eu acho que a... A principal dificuldade da faculdade é você se manter, né? Porque, querendo ou não, você é um adulto. E quando você vem de baixo, você não quer dar... Você não quer mais ser a responsabilidade de outra pessoa. Eu tranquei na Unilab pra conseguir trabalhar, porque o horário não permitia. O horário do emprego que tinha disponível não me permitia ir estudar. Fui trabalhar. Fui sobreviver. Porque... Por mais que o sonho de se formar seja muito grande, mas eu acho que, tipo... Sei lá, viver tranquilo e não dar preocupação pros meus pais sempre foi uma prioridade muito grande pra mim (Lavínia, 27 anos, brasileira).

No texto “Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico” de Heringer (2018), a autora discute pontos importantes acerca do assunto, destacando a necessidade de políticas de permanência que dê o devido suporte aos estudantes e que possa ser suficiente para manter este na universidade, a autora destaca a importância da assistência social para andar de mãos dadas com movimentos estudantis que possam reivindicar esses direitos às reitorias e as coordenações, para que haja o incentivo e não a evasão desses estudantes, levando em consideração as suas demandas.

Em discussão com as falas de minhas interlocutoras, percebo a discrepância nesse aspecto, enquanto Lavínia tranca o curso devido a necessidade de trabalhar por não ter bolsa ou auxílio e Karina muda de instituição e cidade buscando novas perspectivas econômicas, o tema chega em Aline e Erikânia de forma similar, mas em contextos diferentes. Aline, antes de entrar na Unilab, optou por trabalhar, mas quando foi selecionada para a Unilab, deixou o emprego para estudar:

Quando eu cheguei aqui, eu fiquei com o auxílio da UNILAB. E aí a gente recebeu a bolsa permanência do governo agora. Que é indígena. (Aline, 22 anos, brasileira, indígena).

Já Erikânia, relata que ao chegar no Brasil, não conseguiu o auxílio de imediato, logo, recebeu ajuda da família:

Quando eu cheguei aqui, já tava no meu terceiro semestre. E eu só comecei a receber no quarto semestre já. Então, quando eu cheguei aqui, aquele mês que eu fui, tipo, quatro, cinco meses, cinco a seis meses que eu fiquei aqui, eu recebi apoio da minha família. Recebi apoio da minha família, porque o dinheiro que eles dão pra comer, as pessoas que recebem em casa, isso não... é só pra... ajudar a pagar renda, assim, mas do resto eu recebia mais apoio da minha família. O meu irmãozinho que trabalha, ele é de São Paulo. (Erikânia, 28 anos, Guineense).

Vale contextualizar, a localização na qual as meninas residem. A cidade de Redenção é um município cercado de história por ser conhecida como a primeira cidade a abolir a escravidão (Unilab, história de Redenção), junto com esse título, existe uma carga negativa em relação aos pares que nela residem, visto que a cidade também é famosa por ser racista de diversas formas, seja negando aluguel de casas a pessoas negras ou com exorbitantes preços para a lotação em suas estadias, veja, entendo essas ações, como o mais puro racismo brasileiro, na qual, é o escancarado na “sutileza” dos atos. Preto Zezé, presidente da Central Única de Favelas (CUFA), em uma live pela Oxfam Brasil, diz que “Temos um racismo à brasileira: todo mundo admite que existe, mas ninguém aceita que pratica.” Fazendo paralelo com as interlocutoras, se manter na cidade de Redenção, significa além de ser necessário ter uma renda, é também ter que lidar com situações de racismo cotidiano. Lembro-me de um dia, em que eu estava andando na rua e uma mulher branca me parou para perguntar sobre como eu cuidava do meu cabelo, ora, mulheres brancas não são questionadas em relação ao cuidado com seus fios. A interlocutora Erikânia, relata em uma de suas falas:

Você vai passar e vão te olhar, assim, de um jeito como você é uma pessoa estranha, novo, que eles nunca viram na vida. E esse tipo, é estranhamento da admiração, mas tem um estranhamento de desprezo também, que você percebe assim, né? E isso acaba deixando lá para baixo. E tem uma outra coisa assim, aqui, que me deixou muito mal, foi... eu fui lá para fazer minha unha e eu pedi pra moça, e ela falou logo, eu só trabalho no final de semana, porque... Aí eu passei no outro dia, eu vi ela trabalhando os dias de semana (Erikânia, 28 anos, Guineense).

As falas das colaboradoras são importantes para entendermos que, apesar das meninas terem semelhanças em alguns aspectos da vida, mulheres negras vêm de contextos sociais diferentes, não são iguais, têm jornadas de trabalhos diferentes assim como as suas percepções de mundo e também afetivas. Nessa perspectiva, me debruçarei no lado afetivo e nas suas redes de apoio a partir desse momento.

Quando perguntei a elas sobre suas famílias, a inserção na universidade e permanência, elas responderam com falas semelhantes, na qual a mãe era a imagem de maior apoio (Lavínia), que fizeram boas amizades dentro da universidade e que foram essenciais em processos muito delicados como o de transicionar o cabelo (Karina), de conversar e de se situar em um país novo (Erikânia), e de receber ajuda de colegas em questões burocráticas que não são práticas dentro da academia (Aline). Esses espaços de afeto e apoio, posteriormente Patrícia Hill Collins vai conceituar como *lugar seguro*, e ainda nessa discussão, é importante discorrer sobre o que a autora traz no capítulo do livro *Pensamento Feminista Negro*, especificamente em “O poder da autodefinição”, onde Collins diz que “no conforto das conversas cotidianas, por meio de

conversas sérias e do humor e na condição de irmãs e amigas, as mulheres afro-americanas afirmam a humanidade umas das outras, afirmam sua excepcionalidade e seu direito de existir” (COLLINS, 2019, p. 200). Dentro dos muros acadêmicos, é importante criar redes de afeto que possam nos fortalecer, principalmente, nós enquanto mulheres negras no caminho da ascensão. Logo, um dos intuitos também desta pesquisa, foi de entender que as bases que precisamos para ascender socialmente, vem dessas redes de afeto, busquei escutá-las e compreender as suas percepções, entendendo que “o fato de que as mulheres negras sejam as únicas a realmente ouvirem umas às outras é significativa, particularmente dada a importância da voz na vida das mulheres negras” (COLLINS, 2019, p. 210).

Por fim, ainda refletindo sobre as entrevistas, busquei entender o que para cada uma seria ascensão social e obtive respostas interessantes. Lavínia relata que:

A gente não quer sobrecarregar a mãe da gente. Eu não queria pedir as coisas pra minha mãe, então eu sempre fiz uma coisa ou outra pra ter dinheiro pra fazer as coisas. Acho que tá com uns quatro anos que eu comecei, depois da pandemia, que eu comecei a trabalhar realmente como operadora de caixa. [...] Eu acho que literalmente o estudo e o trabalho virou pra mim o bagulho de sonho e sobrevivência, entendeu? Um eu faço porque eu tenho que fazer, porque eu tenho que sobreviver. A vida cobra muito da gente (Lavínia, 27 anos, brasileira).

Aline na entrevista, relata o que almeja:

Eu quero ser uma boa profissional na área que eu realmente gostar e... não sei... me venho como missionária por aí aprendendo, tendo experiências, mostrando, falando um pouco da minha. Eu tenho vontade dessa parte. Eu gosto muito. Eu admiro muito as pessoas que vivem viajando, colecionando experiências e passando as delas. Eu acho incrível. Sempre tive vontade, por exemplo, de fazer intercâmbio [...] E, tipo, é isso que o povo quer, vai, se forma e traz as suas novas experiências, né? pra lá, pra aldeia. Mas eu não sei se eu consigo imaginar que eu queira voltar pra lá, pra ficar lá. Eu acho que eu quero continuar tendo novas experiências, mas pra fora. Não quero voltar, eu quero ir pra frente, mais na frente. Quanto mais longe, mais eu quero ir. Isso é bom. Isso é verdade (Aline, 22 anos, brasileira, indígena).

Já Erikânia, tem planos de seguir carreira acadêmica:

Aqui, na Unilab, eu quero fazer mestrado, porque eu já tenho consciência de... Se eu querer ficar aqui no Brasil, eu preciso ter... Eu sou uma mulher preta, africana, de pele retinta. Pra eu ficar aqui, eu preciso me esforçar. Já sendo só mulher, você já tem que se esforçar [...] E a minha perspectiva para voltar para lá é mais assim, trabalhar numa área mais assim de ONGs, Organizações Não Governamentais, para ajudar a alavancar a autoestima das meninas, nas casas, que muitas das vezes não é ajudado pela família, e mostrar qual é a importância de levar essa questão de raça lá, porque mesmo as pessoas dizendo que só tem pessoas pretas lá, mas isso também está enraizado dentro da nossa família, da nossa escola. Dar uma ajudinha para tentar descolonizar um pouco, né? do que foi implantado por muito tempo, e eu quero continuar com o meu projeto, trabalhar com mulheres, né? Porque lá sendo mulher é muito difícil (Erikânia, 28 anos, Guineense).

Karina, a última interlocutora, fala sobre a importância de alcançar a sua independência:

Quando eu terminar, eu vou fazer um concurso. E passar nesse concurso e ganhar meu dinheiro, sem achar que eu vou ser expulsa da escola. Eu sei que eu posso conseguir, mas primeiro eu vou ter que passar pela experiência de estar em sala como professora que não é efetiva, né? Eu sei que eu vou passar por isso. E aí eu vou ter que tá mantendo o meu emprego, tipo, vou ter que tá engolindo vários sapos [...] eu tô dependendo ainda de outras pessoas, sabe? Então, isso me limita muito. Limita no espaço que eu tô, não consigo estudar muito bem. Eu acho que faz toda a diferença, enfim. Tem ainda muitas outras questões que eu quero ficar independente, sabe? (Karina, 27 anos, brasileira).

A partir das narrativas apresentadas, é importante frisar que, para cada interlocutora, a sua percepção de ascender socialmente é diferente, e para cada ascensão existem contextos econômicos, sociais, familiares e raciais que se ligam pela trajetória de vida que se alinham em alguns aspectos. A vista disso, COLLINS (2019) escreve que o empoderamento de mulheres negras por meio da *autodefinição* através de espaços seguros, ajudam estas a resistir às dominações, tanto fora da sociedade civil negra, quanto dentro de instituições. Ademais, as imagens de controle que a sociedade exerce sobre mulheres negras, não as ajudam, refletem opressão e atrapalham no caminho da ascensão, por isso, se faz importante, enegrecer os currículos, para contrapor qualquer tipo de imagem de controle discriminatória, além de ser importante as redes de apoio, amizades e afetos como uma base sólida, para assim, se sustentar uma rede que possa enfrentar discriminações no caminho da ascensão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que como a Nilma Lino Gomes (2012), afirma em seu texto *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*, que com o acesso de pessoas das camadas populares, bem como de negros, com a promulgação das políticas afirmativas o público das universidades brasileiras mudou ele é bem diverso. Assim, com o ingresso de pessoas negras, africanas, indígenas e quilombolas, a tendência é que o currículo seja tensionado e conseqüentemente as experiências dessas (es) sujeitos altere as bases epistemológicas da universidade e os quadros de futuros (as) profissionais.

Segundo Jacqueline Costa (2019) a Unilab é uma universidade diferenciada e é fruto da luta do movimento negro brasileiro que acolhe estudantes brasileiros (as), africanos (as), quilombolas, ciganas (os), indígenas e de comunidades tradicionais. Em seu projeto de criação consta e busca garantir um quadro docente diverso, que compreenda oportunidade de acesso, para brasileiras (os) e africanos (as). O currículo também é uma preocupação constante, principalmente dos cursos de Humanidades, hoje é nítido que se consegue ver a presença de autores (as) negras nas ementas e isso tem impactado positivamente a produção dos (as) discentes e docentes da instituição, esse marcador de mudança é nítido na fala das estudantes.

Nesse sentido, este trabalho não se conclui aqui. Pesquisar trajetórias de vida de estudantes negras do curso de Bacharelado em Humanidades da Unilab (BHU), para mim significa dizer que essas trajetórias estão em constante transformação e movimento. Neste momento, posso concluir que, a ascensão dessas estudantes, tem se dado por caminhos turbulentos, devido às dificuldades econômicas, embora estejam matriculadas na Unilab, infelizmente o racismo e xenofobia está presente entre nós, ele permeia a vida de todas as pessoas que ali está, principalmente a vida dessas estudantes, dentro da universidade, e fora na cidade de Redenção. Sobre isso, Joseli Cordeiro (2023), afirma que a universidade cria editais e programas para o acesso de negras (os) e quilombolas, mas a universidade em si não muda, afirma que não se cria programas de permanência, não altera o currículo e não pensa que todo esse processo pode ser traumático na vida de um (a) estudante, sem contar o racismo presente a todo instante.

A ascensão que aqui descrevo, é o desejo das interlocutoras que participaram desta pesquisa, ambas com suas metas e projeções futuras. Cada uma com diferentes percepções, independente do contexto em que estão inseridas. “Quem pode ascender?” no início da pesquisa faço esse questionamento, e nesse momento, obtenho a resposta; pessoas que detém de uma base sólida de redes de apoio e que possuem uma estabilidade econômica, conseguem ascender

com mais facilidade, principalmente se for uma pessoa branca, já as mulheres negras, que, a partir da análise, pude constatar que, os fatores sociais como, raça somada a classe, é um fator determinante em suas vidas para ascender socialmente.

E por enquanto, para fechar esta pesquisa, digo que, mulheres negras vindas da margem, não têm tido as mesmas oportunidades de ascensão que mulheres brancas. E latente a presença de conflitos e marcadores sociais existentes, como a cor, classe e gênero, na qual, afeta diretamente mulheres negras.

E por fim, por muito tempo nessa pesquisa, questionei e refleti a respeito do que seria esta base que tanto buscava, o que seria essa base que sustenta essas mulheres, logo, posso concluir a partir das falas das interlocutoras, que neste trabalho, a base seria as redes de afeto que perpassam suas vidas.

6. ANEXOS

TERMOS DE CONSENTIMENTO

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, Aline Abreu De Fama, portador(a) do RG 2009002988-1, residente no município de Aratuba/Ce, entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Nayra Hevily de Oliveira Silva, portadora do RG: 2009046700, residente no município de Redenção/CE, aluna do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto Humanidades da UNILAB/CE. AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

Aratuba/CE, 20 de Novembro de 2024.

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Documento assinado digitalmente
 ALINE ABREU DE FAMA
Data: 20/11/2024 16:19:35-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Documento assinado digitalmente
 NAYRA HEVILY DE OLIVEIRA SILVA
Data: 21/11/2024 21:12:41-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

5. APÊNDICE

ROTEIRO DE PERGUNTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Perguntas básicas (bloco 1):

- 20- Qual sua cidade natal?
 - 2- Quantos anos você tem?
 - 3- Está em que semestre ou em que semestre você saiu do curso?
 - 4- Como você se autodeclara cor/raça?
 - 5- Como você se identifica enquanto gênero?
 - 6- Você tem alguma religião? Qual?
-

(bloco 2)

7. Como é na sua casa? (quantas pessoas, se seus pais trabalham, em que trabalham, se tem irmãos) (eu anoto)
 8. Você trabalha ou já trabalhou? (anoto)
 9. Você é ou foi beneficiada por auxílio ou bolsa? (anoto)
 10. Além de você na família, outras pessoas tiveram acesso à universidade?
 11. Entre o estudo e o trabalho, você considera algum mais importante que o outro?
-

(bloco 3)

- 12 – Em primeiro momento, fale um pouco sobre sua trajetória de vida... (infância, escola e ingresso na universidade)
 - Como era na escola e na família
 - Falar sobre suas lembranças, memórias
 - Ensino médio, o que você traz
 - Do ensino médio a universidade (aqui vou saber se trabalhou ou não)
 - Como era sua relação com os colegas? (na escola (fundamental e/ou médio) no trabalho ou na faculdade ou ambos)
13. Como (ou quando) você se descobriu como uma mulher (negra ou parda, seja o que for...)?
14. Como você está racialmente registrada? (certidão de nascimento)
15. Dentro dos processos da universidade, seja bolsas ou outros tipos de seleções, você sentiu dificuldade nas seletivas?
16. Qual sua perspectiva ao sair da universidade?
17. Você sempre quis entrar na universidade?
18. Como você entrou na Unilab?
19. Você sentiu dificuldade para entrar na universidade? Que tipos de dificuldades foram essas?
20. Você finalizou o curso de humanidades? Se não (dependendo da resposta), qual foi sua motivação?)

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, Ana Karina de Lima Maciel, portador(a) do RG 2008053476-1, residente no município de Itapipoca, entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Nayra Hevily de Oliveira Silva, portadora do RG: 2009046700, residente no município de Redenção/CE, aluna do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto Humanidades da UNILAB/CE. AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

Itapipoca, 19 de novembro de 2024.

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Ana Karina de Lima Maciel

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

 gov.br

Documento assinado digitalmente
NAYRA HEVILY DE OLIVEIRA SILVA
Data: 21/11/2024 21:12:41-0300
Verifique em <https://validar.ti.gov.br>

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, Ericânia Almeida Gomes, portador(a) do RG F570674-9, residente no município de Acarape, entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Nayra Hevily de Oliveira Silva, portadora do RG: 2009046700, residente no município de Redenção/CE, aluna do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto Humanidades da UNILAB/CE. AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

Acarape-CE, 20 de Novembro de 2024.

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Documento assinado digitalmente
 ERICANIA ALMEIDA GOMES
Data: 20/11/2024 16:38:54-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Documento assinado digitalmente
 NAYRA HEVILY DE OLIVEIRA SILVA
Data: 21/11/2024 21:12:41-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, Levinnyo da Silva Duarte, portador(a) do RG 2006097181-9, residente no município de Redenção, entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Nayra Hevily de Oliveira Silva, portadora do RG: 2009046700, residente no município de Redenção/CE, aluna do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto Humanidades da UNILAB/CE. AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

Redenção, 22 de Novembro de 2024.

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Levinnyo da Silva Duarte

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Nayra Hevily de Oliveira Silva

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

_____, & Bilges, S. (2021). **Interseccionalidade**. Boitempo (287 pp.).

COSTA, Jacqueline da Silva. **O Papel do Movimento Negro na consolidação de um Projeto Político-Educacional por meio das Políticas Afirmativas**. Educação das Relações Étnico-Raciais em diferentes contextos sociais/ Ivan Costa Lima, Gisela Macambira Villacorta –. v. 2, n. 5, jan./ jun. Acarape: Gráfica e Editora Impreco, 2019.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique**. 2017. 206 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CORDEIRO, Joseli Nascimento. **Pode uma quilombola falar?** Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v. 11, n.17, e172321, 2023. ISSN 2317-9457 | 2317-9465.

_____. **Depoimentos como Formadora no 8º Encontro do 3º Ciclo do Projeto de Formação do Lélia Gonzalez, Presente!** Unilab, 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas**. de Kimberlé Crenshaw — Parte 1/4. Escrito por: Kimberlé Williams Crenshaw; professora de Direito na Universidade da Califórnia, Los Angeles, B.A. Universidade de Cornell, 1981; J.D. 1993.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOMES, Janaina Damaceno. **Elas são pretas: cotidiano de estudantes negras na UNICAMP**. 2008. 156p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1607667>.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____, **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

HERINGER, Rosana. **Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico**. Revista Brasileira de Orientação Profissional jan.-jun. 2018, Vol. 19, No. 1, 7-17.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução: Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva. 2019. 254p.

_____. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 05 nov. 2024.

_____. **Irmãs de inhame: mulheres negras e recuperação de si**. São Paulo: Ática, 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país**. IBGE, notícias, 2014. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia>. Acesso em: 18 ago. 2019.

LIMA, Maria da Conceição Silva, & de AGUIAR, M. da C. C. (2019). **O estudo das trajetórias de vida como método de compreensão da formação de identidades profissionais docentes**. Educação Em Foco, 23(1), 65–80.

OXFAM BRASIL. **Racismo à brasileira: todo mundo admite que existe, ninguém aceita que pratica**. Disponível em: [https://www.oxfam.org.br/noticias/racismo-a-brasileira-todo-mundo-admite-que-existe-ninguem-aceita-que-pratica/#:~:text=O%20preconceito%20que%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o,\(25%2F6\).%20%E2%80%9D](https://www.oxfam.org.br/noticias/racismo-a-brasileira-todo-mundo-admite-que-existe-ninguem-aceita-que-pratica/#:~:text=O%20preconceito%20que%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o,(25%2F6).%20%E2%80%9D). acesso em: 05 de nov. 2024.

PINHEIRO, Luana; SOARES, Vera. **Brasil retrato das desigualdades gênero raça**. Ipea; UNIFEM: [S. l.], [2003]. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Racismo institucional: uma abordagem conceitual. São Paulo: Instituto da Mulher Negra; Centro Feminista de Estudos e Assessoria, 2013.; Silva, 2021.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

Pastore, José; do Vale Silva, Nelson. **Mobilidade Social do Brasil**. São Paulo, Makron Books, 2000.

TASHA e TRACIE. **Perfil #86 MPIF**. Pineapple stormtv - Prod: Dj MU540. 2021. (3:29min).

TAVARES, Marina Marques. **Trajetória de vida de mulheres negras: mobilidade social e significados do corpo negro e do cabelo crespo**/Marina Marques Tavares.-2023. 195 f. : il.

UNILAB. **História de Redenção**. Redenção, Unilab. Disponível em: <https://unilab.edu.br/historia-de-redencao-liberdade/#:~:text=O%20atual%20nome%20Reden%C3%A7%C3%A3o%20oficializado%20Deocleciano%20Ribeiro%20de%20Menezes>. acesso em: 05 de nov. 2024.